

Amai a vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos perseguem e caluniam, Sede, pois, perfeitos, como vosso Pai celestial é perfeito. (S. Mat. V, 44 a 48).

Jesus

A NOVA ERA

ÓRGÃO DE PROPRIEDADE DA CASA DE SAÚDE ALLAN KARDEC

O homem penetrado dos sentimentos de caridade e amor ao próximo faz o bem pelo bem, sem esperança de compensação, paga o mal com o bem, toma a defesa do fraco contra o forte e sacrifica o seu interesse à justiça. Kardec

REDAÇÃO: RUA CAMPOS SALES, 929 — IMPRESSO EM OFICINAS PRÓPRIAS — Gerente: JOAQUIM LOPES BERNARDES

Ano 8

FRANCA (Estado de São Paulo), 10 DE JANEIRO DE 1935

Diretor — JOSE MARQUES GARCIA (Caixa, 65)
Resid.: Rua General Carneiro, 1360

Redatores: DIOCÉSIO DE PAULA E
DR. TOMAZ NOVELINO

N. 303

FELIZ ANO NOVO

SALVE 1935!

Aos nossos colaboradores, agentes-correspondentes, assinantes, anunciantes, confrades e leitores amigos, desejamos paz espiritual e muitas felicidades no decorrer do ano de 1935.

S A L V E!

1935!

NATAL! NATAL!

Estão em festa os lares cristãos. Por toda a parte ricos presépios relembram o nascimento de Jesus. Pompas, festejos, bailes, lantejoulas rebrilhantes encantam os olhos e deslumbram os sentidos, em honra ao humilde filho da Galiléia...

Vinhos, castanhas, frangos recheiados e frutos apetitosos empanturram os estômagos vorazes, enfatiando os comilões na bambochata em que se compraz a animalidade dos bipedes batizados...

E' a maneira mais agradável de se comemorar o nascimento do Messias Salvador!... E' o expoente inequívoco da materialidade dos nossos dias.

Nos corações, em lugar do amor cristão recomendado pelo Mestre, ergueram seus solares suntuosos o orgulho, aliado da vaidade, o egoísmo, comparsa da ambição, o ódio, companheiro da vingança, e o preconceito, com sua progenitora, a ignorância; e, dessa cidadela cercada pela muralha dos vícios, foram banidas pela sua prepotência, a Fé, a Esperança e a Caridade, filhas diletas de Jesus...

E' por isso que, hoje, o formoso dia "25 de Dezembro" é comemorado a repiques de sinos mesclados aos sons estridentes das fanfarras, ao espoucar estridente de foguetes, e, nos salões, feéricamente iluminados, se dá pasto à concupiscência, até que chegue a hora da missa do galo...

Entretanto, sobre as enxergas infetas de míseras choupanas, jazem esquecidos, abandonados, ignorados, os infelizes sofredores que Jesus tanto amou e ama com aquela ternura que lhe é peculiar!

Hoje, enquanto a Humanidade se embriaga no prazer material, Jesus, na irradiação misericordiosa do seu Infinito Amor, talvez chore a nossa desdita nesta interrogação que é bem o libelo que nos cabe: — Humanidade, Humanidade! Adá quando terás de ser surda à minha palavra redentora?

Quando raiará o dia da tua redenção, pela exemplificação do meu Evangelho, que é tão simples, porque se resume neste único mandamento: — "amai-vos uns aos outros"?

E a voz dos que já passaram pelo crisól das depurações, lá do espaço, responderá profética: — E' quando a Dôr, como um látego de luz, enxotar dos corações a coôrte maldita que neles habita, respondendo nesses troncos aviltados, para regenera-los, as filhas exiladas de Jesus: Fé, Esperança, Caridade.

Odilon Ferreira

O SEXTO SENTIDO

José Engracia

A demonstração realizada ha poucos dias, no Teatro Santa Maria, pelo "Great Magic" Tupy, ilusionista e mágico moderno, de telepatia e clarividência, por ele imprópriamente denominada de "sexto sentido", deveria ter despertado maior interesse por parte de muitas pessoas cultas que se encontravam no recinto. Convidados a subir ao palco para estabelecer um controle sobre o "modus operandi" do extraordinário artista, ninguém dos presentes, com exceção do autor deste artigo, se animou a satisfazer ao pedido, o que, francamente, foi de se lamentar profundamente.

Tenho para mim que as experiências foram realizadas com regular controle, que impossibilitou qualquer truque mecânico, e que realmente observamos genuínos fenômenos de clarividência e telepatia. Na primeira experiência o artista de olhos vendados por uma faixa dupla de pano preto, que impossibilitava a mínima intensidade de visão, como pessoalmente observei, percorreu um trilho traçado a giz ao redor da platêa, sob minha cuidadosa vigilância, percorrendo todas as curvas do caminho e dizendo

claramente e com rapidez os quilômetros por que passava, escritos à margem da suposta estrada, a giz, números esses por mim ditados ao rapaz que fazia o trabalho material dos traçados, enquanto o artista esperava no palco, de olhos vendados, completamente isolado, à terminação do traçado para então percorrê-lo. A segunda experiência consistiu no que se pôde chamar de telepatia muscular, e foi assim realizada: — Um indivíduo escondeu um objeto e o artista de olhos vendados, segurando na mão deste, localizou precisamente o objeto, experiência esta repetida. A terceira experiência foi realizada por intermédio de uma das ajudantes de Tupy, seu paciente sonambúlico e este, e consistiu na transmissão de imagens telepáticas deste para aquela com os olhos vendados e sentada com as costas voltadas para a platêa, no palco.

Esta experiência poderia ter sido melhor controlada e variada para determinar um grau absoluto de certeza si as pessoas presentes mostrassem um maior interesse pelo assunto, paça mim de grande relevância. Para este último trabalho poder-se-á alegar combinações especiais de palavras e tonalidades de voz diferentes para estabelecer entendimento entre a paciente e o agente, o que entretanto, segundo me parece, não explicaria o conjunto da experiência que foi variada e realizada com rapidez surpreendente.

De todo o módo o conjunto das três bem analisadas, pelo processo da análise comparada, traz um elemento de convicção absoluta que, pelo menos para mim, me parece resolutive.

O assim chamado "sexto sentido" foi criação do famoso sábio francês Charles Richet, professor da Sorbonne de Paris, que, na "Revue Metapsychique" de janeiro-fevereiro de 1926, em um rápido artigo aventou a hipótese do aparecimento na humanidade de um "sexto sentido", para justificar a existência, em nossos dias, de alguns sensitivos clarividentes, procurando justificar cientificamente a origem presumível desse novo sentido pela teoria de

De Vriés sobre as "mutações bruscas" transmissíveis à descendência, tal como se observa no reino vegetal. (Bozzano, Per la Difesa dello Spiritismo, Napoli). Essa hipótese engenhosa foi magistralmente refutada por Bozzano em longa monografia, anterior até à tese de Richet, em que prova a existência de clarividentes entre os povos e tribus selvagens mais primitivos da terra, sem que até hoje se haja generalizado o tal sexto sentido. Além dessa prova histórica existem outros argumentos biológicos que liquidam definitivamente a questão. Quanto à telepatia (tele, longe; pathia, visão), que tanta gente encara com tamanha simplicidade como si fosse a cousa mais natural deste mundo, sem nada, absolutamente nada conhecerem sobre o assunto, é um fenômeno de ha muito estudado e estabelecido com precisão nos centros culturais do velho e do novo mundo. O termo foi proposto por Myers em 1882 e recebe hoje universal aceitação. O fenômeno é conhecido mas os seus estudiosos ainda não estão de acôrdo quanto a sua

explicação, embora muitas pessoas digam às vezes displicentemente, em tom pejorativo: — "ah! isso se explica pela telepatia", e pronto, como si estivesse definitivamente resolvida a questão.

O célebre engenheiro Warcollier, (francês) um dos maiores estudiosos do assunto, estabelece analogia entre a radiotelegrafia e a transmissão telepática, e formula uma "teoria ondulatória" desta.

Já outros experimentadores, tendo em vista o caráter muitas vezes observado, não exatamente voluntário da transmissão, mantêm que na telepatia dever-se-á reconhecer uma captação de estados de consciência da parte do perceptente nas relações com o agente.

A completa discussão do tema importaria em uma série de longos artigos para os quais me falta o tempo presentemente. Quis nesta rápida resenha apenas chamar a atenção dos estudiosos para a oportunidade que perderam para fazerem observações proveitosíssimas sobre um assunto tão vasto quanto magestoso.

XENOGLOSSIA

(E. Bozzano—"Xenoglossia")

Conclusão

Às 9.30 da mesma noite, recomeçou a sessão, estando presentes, como testemunhas, a condessa P. e o barão Friedrich von König. Os dois Reuter puseram a mão sobre o "Indicador", sem olharem para ele, enquanto funcionou.

P. — Estás presente?

R. — "Ball".

P. — "Ball" é uma palavra?

R. — "Ball, Sahib".

E o ditado continuou assim: "Tschhi hidmat baman dardid"?

(Que queres de mim?)

Nesse ponto, observei: "Ball", provavelmente quer dizer "sim".

R. — "Rast miguid". (Tens razão.)

O barão von König pergunta: "Escreveste duas palavras?"

R. — "Ball" (Sim.)

P. — Conhecemos-te em vida?

R. — "Muddati ast bist sal". (Ha vinte anos.)

Pergunta a condessa P.: "Que língua é esta?"

R. — "Istifal kun". (Devera ser: "Istifal kun": "Cabe-vos investigar".)

Condessa P.: — Não querás dizer-nos de que país és?

R. — Em inglês: "Não, porque desejo que procedais a investigações".

F. v. K. — Faremos tudo o que pudermos para investigar e descobrir.

R. — "Chaili chob, sahib". (Muito bem, senhor.)

Condessa P.: — Estarás escrevendo, porventura, em turco?

R. — "Nachar bi Choda". (Literalmente: "Não, por vontade de Deus". — Também esta, provavelmente, é uma piedosa expressão oriental.)

F. v. K. — Será persa?

R. — "Istifal sal". (Devera ter escrito: "Istifal": "Investiga". —

Notarei que foi feita uma tenta-

tiva para corrigir o erro ortográfico.)

F. v. K. — Por favor, escreve mais.

R. — "Bas ast". (Por ora basta.)

F. v. K. — Voltarás?

R. — "Namidanam". (Não sei.)

O barão von König pergunta: "Dar-se-á venhas frequentemente a Wiesenburg?"

R. — "Na, na". (Não, não.)

Foram ditados os números 15 e 2.

F. v. K. — Quererás porventura dizer que tornarás a vir no dia 15 do segundo mês do ano?

R. — "Ball". (Sim.)

P. — A's 9 da noite?

O ponto de "Indicador" pára sobre o "Não".

F. — A's 7 da noite?

R. — "Namidanam" (Não sei.)

"Os abaixo assinados atestam que o exposto acima, neste documento, é a narrativa exata do que ocorreu." (Assinados: Florizel von Reuter — Friedrich Karl, Freiherr von und zu König-Warthausen.)

— Sessão de 15 de fevereiro, ás 7 da noite:

O "Indicador" escreve: "Selam batesham". (Bom dia, rapazes.)

"Bandá, tshi bajard bikuman?" (Que desejais que eu faça?)

"Bibi tshi hesir kun". (Occupai-vos sempre com isto que é novo. — Provavelmente, uma expressão persa proverbial.)

Pedi à Inteligência que escrevesse mais algumas palavras, pois que isso era para mim de grande interesse. Resposta:

"Chaili mimum i schuma hastan". (Sou-te muito obrigado; ou: Agradeço-te.)

Sem saber o significado das palavras que acabavam de ser escritas, respondi: "Agradeço-te".

R. — "Tschisi nisi". (De nada.)

Cont. na 4a. página

Sabão 2 M

Lava tudo—Não contém impurezas—Não estraga os tecidos

1 k. \$700 — 15 ks. 10\$000

Pedidos ao fabricante

M. MELLO

Rua O. Freire, 335-Fone, 263

FRANCA

FESTA DA SEMANA DO CONFORTO

Domingo último, dia de Reis, consoante estava anunciado, a contento geral realizou-se a festa da SEMANA DO CONFORTO.

Mais ou menos ás treze horas desse dia, a simpática caravana encarregada da distribuição dos donativos e composta de autoridades locais, representantes da imprensa, senhoras, senhorinhas, e membros da Congregação Mariana e do Espiritismo de Franca, iniciou o seu itinerário partindo da residência do sr. Dolór de Oliveira Dias (Lolô). Visitou primeiro o Asilo S. Vicente. Aí, oferecendo a dádiva que se lhe destinara falou o professor Homero Alves, o qual num instante feliz sobressaír o significado da festa, mostrando aos presentes a elevação daquele gesto, e tendo, ao fim, agradecido comovidamente o haverem escolhido a ele para estender os braços da alma aos pobresinhos, no momento de lhes oferecer aquela oferta. Em nome do Asilo agradeceu com simplicidade o prof. Lamartini, traduzindo nas suas palavras toda a gratidão dos pequeninos daquele réto. Com um muito obrigado de coração comovido, a diretora do orfanato encerrou a visita.

Momentos após eram os velhinhos do Asilo São Francisco os contemplados. Primeiro foram os orfãos, lobrigando na sua dúvida inocente mil sorrisos de mães. Agora os do outro extremo da vida, ostentando nas suas cans de neve o fim da viagem, olhavam com os olhos sem brilho o brilho dos olhares caridosos, de quem lhes abria o coração como filhos que voltassem para a felicidade do epílogo. Antonio Ricardo de Souza Junior ofertou-lhes o presente, que, com algum atraso Papai Noel enviara ás crianças sexagenárias. A alma dos velhinhos ficou cheia das notas musicais de sua oração. E a gente só não via naqueles rostos uma alegria imensa porque as grandes alegrias ficam no fundo do coração como pérolas no fundo do mar. Porém lá fóra, no campo, caía uma chuva mansa, como se Deus chorasse de contentamento pela bondade dessas almas pródigas.

Coube á Santa Casa a visita imediata. Aí, pela comissão falou o acadêmico Benedito Vaz. O snr. Alfredo Lopes Pinto respondeu pelos enfermos, também contemplados com o insensu da alma, presente do melhor dos magos, que é a Caridade. E a mesma satisfação rondava o ambiente, no conforto sobretudo espiritual daquela hora.

A seguir a caravana rumou para a Cadeia local. Os presos, afóra os seus delizes, próprios dos homens, são séres como nós outros, tem alma, e, a maioria deles traz dentro dessa alma o espéto do remorso, gritando desvairadamente no silencio de cada cela, num terrível açoite á sua consciencia. Sendo a sua desventura assim maior, faz parte de sua regeneração o procurar-lhes para tomarem parte no banquete dos

necessitados. Por isto, na falta do Dr. Vicente Lima o capitão Moura Matos, fazendo uso da palavra, deixou no corredor sombrio do xadrez as résteas de luz das almas visitantes e as cõdeas de pão do seu boinal. Comovidamente o Dr. Marcílio de Freitas, Delegado de Polícia, agradeceu em nome dos reclusos a dádiva que vinham de receber. Foi um sopro que alargando as quatro paredes, dos cubuculos deu aos detentos uma pinga de ilusão da liberdade que lhes falta, porque a estrela que guia os corações lembrou-se deles também.

E depois, estendendo para longe o brilho seu, foi ter á Casa de Saúde "Allan Kardec". Os que ali vivem não são órfãos, nem velhos sem amparo, nem condenados pela justiça dos homens e nem mendigos. Vivem ali os jugulados pelo carrasco da demência; subjuga- dos fisicamente; mas, sobretudo presos ao seu destino de loucos, de homens sem razão, por muitas razões... E' a tortura maior que as circunstâncias inventaram ás pobres almas.

Naquela casa a comissão da FESTA DO CONFORTO teve carinhosa recepção, preparada pelo seu diretor, a qual, embóra simples, esteve á altura de externar o seu contentamento e gratidão aos visitantes, muitos dos quais, não obstante professarem um crédo diferente, apagaram todas as suas convicções religiosas diante do altar da Caridade, uma em todos os corações e interpretada por todos num único sentido quando tomada no seu sentido verdadeiro. Que magnífico gesto de confraternização! Como os homens se compreendem tanto quando vinculados pela verdade das ações que praticam!

Mais de quatrocentas pessoas assistiram á sessão que deveria encerrar a festa desse dia. Presidiu-a o Dr. Novelino, nosso redator e médico daquela Casa, que deu a palavra ao seu coléga Dr. Mário de Vilhena. Este falou por longo tempo, oferecendo o óbulo ao asilado, dizendo que ele como médico mais que qualquer outro conhecia a dor do próximo e sentia-se bem pela incumbência que tivera de interpretar o sentimento daquela gente, mormente das senhoras e senhorinhas, que com tão boa vontade desde o ano passado vêm prestando o seu melhor concurso á realização da Festa do Conforto. Elogiando esse gesto do povo francano, o ilustre Prefeito Municipal interino, sr. José Pedro de Carvalho Júnior, proferiu a brilhante oração que transcrevemos na íntegra, para gráudio de nossos caros leitores:

Exmas. Senhoras e Senhores, dignísimos Componentes da Comissão Organizadora da Festa do Conforto.

A Prefeitura Municipal desta cidade, pela voz sincera do Governador interino, acompanhou e acompanha com a maior elevação de espírito e de coração este movimento grandioso de filantropia, onde a altruísmo dos corações da gente de minha terra se irmanou mais uma vez nesta jornada de caridade, através da sua face mais límpida, mais cristalina, pois é uma jornada sa-

crossanta que teve o condão de irmanar as almas de crédos tão diversos, fraternizando-as num só corpo e com um único escopo—a Caridade! mas, essa Caridade que empolga os da terra elevando o homem, ainda com Vida—até o trono do altíssimo! Benditos os corações que abrigam a lembrança sublime dos seus semelhantes humildes e sofredores.

Exmas. Senhoras e Senhores. A Prefeitura de Franca, neste momento, representada por quem responde pelos seus destinos, tem a mais elevada, a mais alta e nobre honra de se associar á benemerência desta festa de Caridade.

O capitão Moura Matos, dono dessa iniciativa, falando novamente, salientou os esforços de todos, congratulando-se com os presentes pelo êxito alcançado mais este ano, produto da boa vontade geral.

Pela Casa de Saúde respondeu, agradecendo, o nosso Redator Dr. Tomaz Novelino. O notavel tribuno espirita prendeu o auditório demoradamente, com a facilidade que lhe é peculiar, dissertando sobre a Caridade e explicando de como nos aproximamos de Deus, levados pelas boas ações sob o pálio da verdadeira Caridade pregada pelo Cristo. Foram momentos de intensa luz, coroados com as palmas dos presentes.

Fechou com chave de ouro o último instante da festa o Diretor desta fôlha e da Casa de Saúde, sr. José Marques Garcia, mostrando-se verdadeiramente comovido ante aquele espetáculo, presépe engalanado com os brinços das almas boas, e que encheu de alegria o Menino Jesus do seu coração.

Após visitar todas as dependências daquela Casa a gente se foi dispersando pouco a pouco. Fóra, na tarde umbrosa, do céu de chumbo caía ainda uma chuva mansa, como si Deus chorasse de contentamento pela bondade de suas almas pródigas.

A Comissão da Festa do Conforto enviou também á Assistência aos Necessitados de Franca uma parcela dos óbulos arrecadados, afim de proporcionar momentos de conforto igualmente ás dezenas de famílias que ali se abrigam.

LAMPADAS

De 5 a 50 Watts—120 Volts

Rs. 15900

De 15 a 60 Watts—220 Volts

Rs. 25500

só na

Agência FORD

Pensão Santa Terezinha

Casa de primeira ordem
Ótimas acomodações para
as exmas. famílias e
snrs. viajantes

SOB A ZELOSA GERENCIA DE

JOÃO MARTINS DO VALE

ACEITAM-SE
PENSIONISTAS

ASSEIO
RIGOROSO

Rua Saldanha Maranhão, 373

FRANCA

XENOGLOSSIA

(E. Bozzano—"Xenoglossia")

Cont. da 1a. página

P. — Quererás dizer-me como se escreve: "Agradeço-te"?

R. — Em inglês: "Já o eserevi". Dai, continuou assim a escrita oriental: "Sal gunaschta hat gunaschta." (Expressão proverbial: "O Tempo muda e com ele mudam as condições.")

(Nota: — O tradutor assinala que a palavra "gunaschta" deveria escrever-se "guzaschta", e que a palavra "hat" deveria ser "hal". Esta última, porém, já "Pierre" a corrigira.)

Perguntei: Que significa esta última frase?

Em inglês: "Uma sentença". Pergunta minha mãe: "Então, um provérbio?"

R. — "Bali, memsahib". (Sim, senhora.)

Depois, foi escrita outra frase proverbial: "Rast nabajad randshim". (Nunca tomar á má parte a verdade.)

Pedi: Escreve, escreve mais.

R. — "Bas ast fursat nadaram". (Basta. Já não tenho mais tempo.)

P. — Será também uma expressão proverbial a que acabaste de escrever?

R. — Em inglês: Não, uma observação. "Choda hafischab bicheir". (Deus vos proteja. Boa noite. "Salib itifait schuma". (Expressão idiomática, que significa: "Conserva-te, oh Senhor, bem disposto para comigo.")

Esta a memoravel experiência de xenoglossia conseguida por Florizel von Reuter, que a comenta nestes termos:

Penso me sobre razão para insistir em afirmar que o episódio acima exposto constitúe uma das mais espantosas provas que uma Inteligência desincarnada já forneceu, por meio da escrita automática. Desafio os "animistas" a que apresentem uma explicação do caso, valendo-se de todas as complicadas teorias que háo proposto, com tão grande fertilidade de invenção. *Nem eu, nem minha mãe nunca estivemos nas Índias, ou na Persia; nunca tivemos relações com pessoas oriundas desses países.* E o caso ainda muito mais notavel se torna pelo fato de que o persa da mensagem é uma pérsia dialetal, apenas falada nas Índias. Não se encontra, portanto, no caso em apreço, um átomo, que seja, de presunção a favor da teoria do subconsciente... (Ob. cit., pag. 256-262.)

Com estas observações, Florizel von Reuter responde triunfal e definitivamente á última e desesperada subtiliza sofisticada que os amigos "animistas" lhe haviam contraposto, em nome de imaginárias exigências científicas. Consistia essa objeção em dizerem que não bastava desconhecerem ele e sua mãe a língua em que era escrita a mensagem, uma vez que, para também eliminarem a extrema possibilidade teórica relativa aos poderes da subconsciência, seria necessário que nenhum dos dois jamais houvesse estado no país em que se fala a língua usada mediunicamente e que jamais tivessem tido relações com pessoas oriundas de tal país.

Eram duas circunstâncias bem difíceis de serem afastadas; com relação a Florizel von Reuter, porquanto, na sua qualidade de "virtuoso" do violino, peregrinára por quasi todos os países da Europa e da América. Nunca, porém, havia estado na Ásia e nunca tivera relações com asiáticos. Eis, entretanto, que se manifesta uma entidade de defun-

to, a escrever em língua oriental, com todos os requisitos exigidos pelos sofistas da pesquisa científica.

Ponderarei, a propósito, que a frase com que se manifestou essa nova entidade de defunto: "Póssó escrever numa língua que não conheces", deve agregar-se ás outras que já tenho assinalado para demonstrar que a série dos casos de xenoglossia obtidos por Florizel von Reuter se originou de uma iniciativa espiritual, tendo por escôpo vencer-lhe o ceticismo sempre renascente, mediante a apresentação de provas que dessem em terra com todas as hipóteses, todas as objeções, todos os sofismas que os "animistas extremados" e os "pedantes da ciência" amontoavam sem trégua contra a interpretação espiritualista dos fenômenos mediúnicos.

Desta vez, até o dr. Walter Prince teve que convir em que o caso de que se trata satisfaz plenamente aos mais exigentes reclamos da ciência, o que equivale a reconhecer que a hipótese, de que tanto se tem abusado, da oniciência subconsciente, está, afinal, irreparavelmente demolida e que, por isso, já não é possível a ninguém recusar-se a ter como demonstrado o grande fato da intervenção de entidades espirituais nas manifestações mediúnicas.

O alcool é o monstro que arrasta o homem á loucura, ao crime e á deshonra

Agradecimento

A Diretoria da Casa de S. Allan Kardec, vem por esta fôlha, agradecer penhoradíssima a todas as pessoas de fóra e desta cidade, que enviaram áquela Casa, doces, biscoitos, importância em dinheiro, etc., atendendo ao nosso apélo Pró-Natal dos inter-nandos pobres.

Estende os seus agradecimentos á Comissão da festa «Semana do Conforto», os donativos e o conforto espiritual que levava aos enfermos no domingo p. p., dia de Reis.

Festival espirita

Realiza-se hoje, ás 20 horas, o festival que o catecismo Espirita Batuirá promoverá no Teatro da Ass. Dopo-Lavoro, em homenagem ao natalício de Jesus e ao encerramento do ano letivo daquele catecismo, anexo ao Centro Batuirá, de Ribeirão Preto.

Como orador oficial, falará o Dr. Tomaz Novelino, que irá áquela cidade especialmente para esse fim. Serão levados á cena a chistosa comédia "A Borboleta Negra", da autoria de Coelho Neto, e o comovido drama "O ressurgir de uma Alma", da autoria do confrade Humberto Brussolo. Além destes números, haverá um grande ato de variedades pelos alunos do catecismo.